

Notas sobre o filme *Olga*

MARLY DE A. G. VIANNA*

Começo a escrever este artigo exatamente no dia em que, há 69 anos, levantou-se, no Rio de Janeiro, o 3º RI. Este movimento, cuja vitória era dada como certa pelos revolucionários, foi rapidamente derrotado, o que decidiu o destino de Olga, uma mulher que escolhera ajudar a criar um mundo melhor.

O filme que conta sua história, e que já foi saudado em belíssimas palavras de Emir Sader e em excelente artigo de Breno Altman, consegue, em duas horas, destacar o que foi mais importante para caracterizar a vida de Olga: sua humanidade. Olga viveu plenamente sua vida: viveu um grande amor, teve uma filha – que ela gostaria de saber que seguiu seus passos de revolucionária – e lutou para que todos os homens pudessem ser felizes. Olga lutou, como

disse em sua última carta, pelo bem, pelo justo, pelo melhor dos mundos.

O filme de Rita Buzar e Jayme Monjardim, baseado na clássica obra de Fernando Morais, foi atípico: mereceu da crítica muitas críticas e do público, muitos aplausos. As críticas foram, em sua maior parte, preconceituosas, injustas e visivelmente irritadas, muitas insistindo em isolar, no filme, aquilo que não seria cinematográfico. Neste sentido, pareceu-me superficial e banalizante considerar o filme “um melodrama barato e sentimentalóide”. Impossível não se comover com a história de Olga, seja por que aspecto for, mas é injusto – e principalmente foi uma crítica vulgar – chamar o filme de “apelativo” emocional.

O que comove no filme é a verdade dos sentimentos, a veracidade dos fatos, a paixão pela luta por um ideal.

* Professora da Universidade Federal de São Carlos, SP.

É isso que incomoda – como bem disse Emir Sader – à superficialidade, àqueles que distorcem a realidade para justificar seu bem-estar no mundo, não importa a que preço, àqueles que se acomodaram a tudo e se tornaram incapazes não só de sonhar com um mundo melhor, mas também de tentar melhorar a pequena comunidade em que vivem.

O filme é surpreendentemente fiel à história, mesmo que não se propõe a ser um filme de história política. Retrata a generosidade das idéias revolucionárias, a infâmia dos Felintos Müller, a total responsabilidade do governo Vargas na vilania da deportação de Olga Benário e Elisa Berger. É um filme verdadeiro também porque não esconde as fraquezas dos revolucionários: lá estão retratados os equívocos políticos, a tragédia do assassinato de Elsa Fernandes, a debilidade de Rodolfo Ghioldi – menos pelo que contou à polícia pelo pavor da tortura, denunciando a existência de Olga e o bairro em que se escondiam ela e Prestes, mas por ter sempre deixado crer que tivera um comportamento exemplar na prisão.

Lá está Felinto Müller vingando-se do Cavaleiro da Esperança, que o executou pela deserção da Coluna, oferecendo a quem prendesse Luiz Carlos Prestes os mesmos cem contos de réis que roubou dos cofres da Coluna quando fugiu da luta.

O filme não apresenta os revolucionários como marionetes ou “mercenários a soldo de Moscou”; retrata bem

uma mulher internacionalista que participou da tentativa de transformação social, tanto nacional, na luta por pão, terra e liberdade, quanto internacional, contra o nazifascismo.

O filme, como disse Breno Altman, “leva à tela, com paixão e delicadeza, a vida de uma heróica militante comunista”. Olga foi uma jovem que teve um ideal e lutou por ele, como tantas jovens no mundo e aqui, no Brasil, que deram suas vidas por um sonho bom. Olga tornou-se emblemática não só por ser a mulher de Prestes, mas por sua coragem, demonstrada já em Berlim, ao livrar seu namorado Otto Braun da prisão; por sua generosidade de colocar-se a serviço do internacionalismo, por seu amor de mulher e de mãe e pela crueldade com que foi tratada pelo nazismo, com a ativa cumplicidade do governo brasileiro.

É a humanidade de sua vida que comove a todos. Não se pode ver dicotomias entre o envolvimento pessoal e a luta social, porque não se tratou de dramas psicológicos na opção dos revolucionários, mas de uma situação imposta pela barbárie das ditaduras nazifascistas. Viviam-se tempos sombrios, dramáticos, e a própria história de Olga mostrou o drama de querer subordinar o pessoal ao social; o desafio, naquele momento, era ser revolucionária e mulher, revolucionária e mãe. Aqueles que jamais pensaram politicamente da mesma forma que os revolucionários, comovem-se com a personalidade de Olga, justamente porque é

carregada de humanidade. As tragédias humanas são imortais justamente porque são a expressão de sentimentos que todos nós podemos compreender, mesmo que, como foi o caso de muitas críticas, incomodem profundamente.

Olga teve a coragem de romper com seu mundo burguês acomodado, cujos valores tradicionais viam o nazismo com benevolência, e o fez pagando um preço mais alto ainda, por sua condição de mulher. A propósito, a banalidade de certa crítica ao filme foi tão grande que houve quem chegasse a comentar: “sequer Olga era bonita, como aparece no filme!”. Talvez até nem fosse: em algumas fotos aparece muito bonita, em outras nem tanto. E que importância terá isso? Olga não era candidata a beleza da mídia, sequer era candidata a tipo de beleza: se queria agradar a alguém, era ao homem que amou, e que a achava linda. Que mais importa?

Concordo com Emir Sader quando este diz que *Olga* incomodou a muita gente porque tratou, pela primeira vez, sem mentiras políticas e anticomunismo barato, a história do levante de novembro de 1935 no Rio e de algumas de suas personagens de destaque.

Olga não foi um filme para acadêmicos que, conhecendo a história do Brasil, querem-na contada com rigor factual ou mistificada por motivos ideológicos, para esconder iniquidades. *Olga* conta uma história humana para o grande público (o filme já foi visto por quase 3 milhões de pessoas). Para além das apreciações dos que se comoveram com

o filme, solidários com os revolucionários ou com o drama pessoal de Olga, ou aqueles que se sentiram, por diversas razões, profundamente incomodados com o filme, *Olga* tem o imenso mérito de levar às telas um episódio de nossa história contado sem mentiras. Milhares de pessoas, até hoje intoxicadas com as “verdades” oficiais sobre o levante de novembro de 1935 plantadas pelo governo Vargas e por seu chefe de polícia, puderam saber, por meio do filme e em belas imagens, de uma página ao mesmo tempo heróica, da saga dos tenentes, e iníqua, da ditadura varguista.

É esse, a meu ver, o grande mérito do filme. O levante de novembro de 1935, pano de fundo do drama, aparece como foi: mais um dos tantos episódios das revoltas armadas de que nosso país foi palco, dessa vez com a novidade da participação dos comunistas, que até então se recusavam a participar de movimentos militares, para não estar ao lado de um ou outro imperialismo, como disseram em 1930.

Em novembro de 1935, Luiz Carlos Prestes, um tenente já comunista, acreditou que já era hora de mudar o país por meio de mais um levante de quartel. Avaliou mal as circunstâncias, as forças e os aliados que tinha, perdeu e pagou muito caro por isso. O levante, em que pesem as histórias inventadas, não eclodiu por “ordens de Moscou” e muito menos houve oficiais assassinados dormindo (mentira repetida até hoje, como se vê em comentário da

Folha de S. Paulo sobre a última nota militar sobre a “Intentona”). As mortes durante o levante estão registradas com detalhes nos processos da época: duas mortes em combate, uma de um revolucionário, outra de um oficial legalista. As outras ocorreram quando o governo bombardeou o 3º RI para destruí-lo. Foi o governo quem matou os oficiais, passando a reverenciá-los como vítimas dos comunistas.

Os preciosistas da História do Brasil, que procuraram no filme esquematismos que distorceriam nossa história, dariam imensa ajuda se se preocupassem em criticar a história contada em boa parte dos nossos livros de 1º e 2º graus, que atingem público bem maior, ou em filmes que transformam períodos importantes de nossa história em puro deboche.

Em meio a tanta banalidade e falsas emoções, numa época em que predominam, como escreveu Karel Kosik, as “almas de lacaio”, a história de Olga veio preencher um pouco do vazio, da perda da capacidade de, também no dizer do filósofo tcheco, viver o trágico em nossa época pós-heróica.

Olga é uma história verdadeira, uma história de lutas, de amor, de solidariedade. É um filme que fala aos sentimentos, com o exemplo daqueles que deram a vida pelo ideal de um mundo melhor e se foram sem poder vivê-lo. Uma esperança e uma luta que nunca se apagarão pois, como diz o poeta, “caminante, no hay camino, se hace camino al andar”.